

Luta ★ Social

Maio – 2006

luta_social@sapo.pt • <http://luta-social.blogspot.com/>

Boletim nº15

Editorial

precariedades

A precariedade laboral é também social. Se não lhe dermos combate, será impossível fazermos algo de construtivo nas nossas vidas, inclusive, de lutarmos pela emancipação, quer no imediato do nosso contexto, quer no geral.

O patronato sabe-o muito bem; por isso mesmo, opta sempre por manter o trabalhador sujeito a um contrato precário, a “moderna” forma da escravatura assalariada. Se lutarmos por contratos dignos, forjaremos na luta a fraternidade e a experiência para prosseguirmos, contra-atacarmos, para um dia estarmos na ofensiva.

Agora, se nada fizermos...!

A FESAL-E REALIZOU NOS DIAS 29-30 DE ABRIL DESTE ANO O SEU 1º CONGRESSO. PARA TODOS OS SEUS MEMBROS, AS SAUDAÇÕES DE IRMÃS E IRMÃOS NA LUTA, DE PORTUGAL.

VEJA REPORTAGEM EM:

WWW.FESAL.IT

JUNTEMO-NOS PARA FORMAR A LIVRE E AUTÓNOMA ASSOCIAÇÃO.

As razões que nós podemos aduzir a favor do projecto de erguer um Sindicato de base são muitas. Apenas iremos aqui expor algumas. No essencial, consideramos que é impossível uma defesa eficaz dos Trabalhadores sem uma organização. Só uma organização do tipo de um sindicato tem capacidade para auxiliar verdadeiramente no combate pela defesa imediata dos interesses e direitos da classe trabalhadora sem a desviar dos conceitos e práticas revolucionários, ou seja, de que a libertação dos trabalhadores será obra deles próprios, e de que não se pode encarar uma melhoria substancial, mesmo no longo prazo, se a sociedade continuar a perpetuar as classes.

As duas razões para nos organizarmos em sindicato são, portanto: a defesa no quotidiano dos nossos contratos, a sua melhoria, a defesa dos direitos laborais e sociais e, no longo prazo, a luta geral pela emancipação da nossa classe e de todas as classes, pela abolição do regime do salário e da exploração capitalista.

Porém, após o 25 de Abril, a “sociedade civil”, ou seja, os sindicatos, as associações, etc. foram tomados de assalto por militantes partidários diversos, com especial relevo para os do PCP e suas dissidências.

O movimento sindical foi largamente comprado, de muitas formas. Isto explica que, aquando das rondas de “concertação social” entre os representantes do patronato, as centrais sindicais e o governo, os resultados dos acordos têm sido sempre no sentido de “flexibilizar” (fragilizar) o vínculo laboral.

Não existe independência dos burocratas que estão a representar os trabalhadores.

Se eles tivessem a veicidade de independência, veriam em breve cortado o seu “tacho sindical” que lhes permite estar a tempo inteiro nos sindicatos, ganhando ordenado como se estivessem a exercer a sua profissão, muitas vezes até atingirem a idade da reforma. Eles têm mais interesse em salvaguardar o seu estatuto próprio, do que o estatuto dos trabalhadores que eles dizem representar.

O governo tem os referidos sindicatos como parceiros, ao dispor para tudo e nomeadamente para assinarem todos os recuos que for preciso, com um mínimo de “contestação” simbólica, aquele mínimo para dar a ilusão nos trabalhadores (mesmo aos mais esclarecidos) de que existe um movimento sindical verdadeiro, embora seja demasiado fraco face ao poder do capital. Mas não! O poder do capital e dos políticos do governo é justamente mantido pelas direcções sindicais, que têm precisamente este papel insubstituível (e estratégico para a burguesia) de manter sob controlo a classe trabalhadora.

Os largos milhões de trabalhadores teriam força suficiente para impor respeito pelos seus direitos fundamentais, mesmo sem se ter atingido uma nova fase revolucionária. A sua impotência para conseguir esse mínimo, advém da traição continuada dos seus “representantes”.

A necessidade de um movimento independente, anti-capitalista, que não esteja sob o controlo de estruturas autoritárias, nomeadamente partidos políticos, entra pelos olhos dentro.

Que sindicato queremos?

Queremos um sindicato que esteja sempre nas nossas mãos, que não fuja nunca ao controlo dos seus associados, um sindicato onde a direcção fica incumbida pela assembleia de concretizar determinadas decisões e que terá de responder em assembleia pela boa execução das mesmas. Um sindicato, (cont. pág.2)

Maio 10: Apelo internacional de solidariedade com os despedidos da SEAT- Barcelona

Maio 10. Greve europeia contra Bolonha
Pelo espaço público da educação

Maio 07: Em Mirandela milhares concentraram-se contra o encerramento da maternidade e preparam mobilização nacional

Depois da providência cautelar em Barcelos, da marcha lenta de viaturas e manifestação em Santo Tirso e do protesto das gentes de Torres Novas contra o encerramento do serviço de pediatria do seu Hospital, hoje foi a vez de Mirandela se manifestar.

Maio 05: Origem do Sindicalismo Revolucionário e Zapatismo em Duas Sessões Públicas em Lisboa a 6 e 7 de Maio

Integradas no IIº Ciclo de Conferências do «Círculo Joaquina Dorado, Liberto Sarrau

Maio 03: Operação no Bairro da Torre, em Camarate, marcada por violência policial sobre idosos, crianças e moradores pobres

Actuações deste género, que são mais próprias de bandidos que de agentes policiais, demonstram que o discurso oficial sobre Direitos Humanos não passa de um exercício de hipocrisia na boca de políticos e intelectuais bem pensantes.

Maio 01: USA "No one is illegal" A marcha de trabalhadores imigrantes da história dos EUA, Ver fotos em <http://www.nomanisillegal.com/>

Abril 28: ATAQUE VIOLENTO CONTRA AS PENSÕES E CONTRA OS SALÁRIOS DOS TRABALHADORES

Abril 25: Evocando a catástrofe de Chernobil Criada plataforma «Não ao Nuclear

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O ZAPATISMO

O zapatismo actual é um fenómeno político particular no conjunto dos movimentos políticos contemporâneos. Sabe-se que nasce da acção de militantes radicais esquerdistas chegados às terras índias do Chiapas entre os anos 70 e 80 do século passado: estes jovens integraram-se bem nas comunidades indígenas locais e, com o passar do tempo, identificaram-se com estas comunidades ao ponto de desenvolver o papel de porta-vozes dos seus interesses.

Trata-se do ponto de partida para compreender o fenómeno zapatista: podemos dizer que agora apresenta uma matriz índia muito clara, sem ser somente o veículo de valores indígenas.

Em primeiro lugar, é hoje expressão e instrumento dos desejos das comunidades indígenas pela autonomia, ou seja, pela autodeterminação cultural e económica. A organização tradicional destas comunidades não se baseia no domínio de um cacique despótico, mas numa autoridade que actua em baixo e permanece na assembleia comunitária, fonte do poder popular. O zapatismo de nova forma avaliou esta organização tradicional, e fez disto o ponto de partida para a sua aproximação aos problemas políticos.

Como disse o próprio subcomandante Marcos, o zapatismo não quer a conquista do poder ou – melhor dito – do domínio político. Deseja porém «*abrir um espaço de luta política onde o povo cidadão (...) possa desenvolver uma participação política real, opinar e decidir qual o sistema social e o sistema político (...) que queira*».

O objectivo é construir espaços livres e autogeridos para realizar directamente o contrapoder social. Embora tenha aparecido como movimento armado, o zapatismo está bem longe dos típicos movimentos guerrilheiros, *in primis* latino-americanos, e a sua atipicidade faz com que os “puristas” do anarquismo possam considerá-lo somente reformista.

Na realidade, o zapatismo é hoje a fonte duma acção maciça de resistência contra a penetração do Estado, do capital e do imperialismo nas zonas onde obra politicamente. Estas três formas de domínio querem desapossar os povos indígenas do sul de México (do Estado de Chiapas, em particular) das suas terras e começar uma exploração total dos recursos daquelas regiões. Enquanto os zapatistas controlarem aqueles territórios, os projectos do Estado mexicano, do capitalismo nacional e internacional, e do imperialismo ficarão paralisados.

O zapatismo com os indígenas do sul mexicano luta contra a penetração do Estado e a “ocidentalização”, enquanto o anarquismo clássico luta dentro de territórios ocidentalizados, já moldados pelo Estado e pelo capital; e -por isto – utiliza métodos diferentes, que não podem ser os mesmos do zapatismo.

Mas o zapatismo tem uma possibilidade de acção maior na sociedade mexicana de hoje, sociedade que se quer disposta a reconhecer a identidade cultural e social de brancos, mestiços e índios: trata-se da defesa dos direitos e da auto-organização de classe dos explorados mexicanos. Nesta óptica são importantes a recente presença de Marcos na Cidade de México e o apoio zapatista às lutas dos camponeses vendedores de flores em Atenco, na zona de Texcoco, brutalmente atacados pela polícia. Se o zapatismo conseguir estender o seu raio de acção para além do sul, nesta conjuntura caracterizada por uma forte crise económica e social e pelo fortalecimento do controlo dos EUA nas fronteiras, contra a emigração mexicana, pode ser vejamos novidades interessantes no México, no futuro próximo. O importante é que a luta continue.

Pier Francesco Zarcone

Galeria de fotos



Bakunin →



← **Kropotkin**



Cafiero →

